



Revista patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Capa: M. C. Escher's Metamorfosis © 2003 Cordon Art B. V. – Holland.
All rights reserved.

© 2004, Editorial Caminho e Cátedra Jorge de Sena

Lay-out da capa: Maurício Matos
Impressão: Tipografia Lousanense, L.^{da}

Data de impressão: Setembro de 2004

Depósito legal: 199 685/03

ISSN 0875-019
ISBN 972-21-1644-4

Editorial Caminho, SA
Av. Gago Coutinho, 121
1700-029 Lisboa – Portugal
www.editorial-caminho.pt

Difusão: Editorial Caminho, SA, Lisboa – 2004
www.editorial-caminho.pt

- 153 **Contemporânea**
 Poemas de Adília Lopes 155
 Poemas de Fabrício Carpinejar 163
 Poemas de Maria Conceição Lima 167
- 173 **Seniana**
Ida Ferreira Alves Trabalho sobre trabalho: dois poemas
 de Jorge de Sena 175
- 183 **Entrevista com Boaventura Cardoso**
- 193 **Literatura: revisões**
Edmundo Bouças António Botto e a espessura do esteta 195
- 205 **Homenagem**
- 211 **Separata**
Maria Alzira Seixo Bibliografia e bibliologia. Para
 uma bibliografia passiva de António Lobo Antunes 213
- 241 **Ler e depois**
Alcmeno Bastos GERAÇÃO 90: OS TRANSGRESSORES,
 de Nelson Oliveira (org.) 243
Ana Mafalda Leite NOVOS PACTOS, OUTRAS FICÇÕES: ENSAIOS
 SOBRE LITERATURAS AFRO-LUSO-BRASILEIRAS, de Laura Padilha 245
Ângela Beatriz de Carvalho Faria BOA TARDE ÀS COISAS AQUI
 EM BAIXO, de António Lobo Antunes 247
Cinda Gonda ÁRVORE – FOLHAS DE POESIA. Introdução
 e índice de Luís Adriano Carlos 249
Eduardo Guerreiro MÁQUINA DE ESCREVER, de Armando
 Freitas Filho 251
João Camillo Penna MANUEL BANDEIRA.
 Seleção e prefácio de Eduardo Coelho 253
Luci Ruas A MAGIA DAS LETRAS AFRICANAS, de Carmen
 Lúcia Tindó Ribeiro 255
José Luís Jobim ESCRITOS SOBRE POESIA & ALGUMA FICÇÃO,
 de Antonio Carlos Secchin 259
Luis Maffei MONGÓLIA, de Bernardo Carvalho 261
Maria de Lourdes Soares O JOGO DA LIBERDADE DA ALMA,
 de Maria Gabriela Llansol 263

ticulava a ponte entre a interioridade e a exterioridade, no sentido de uma posição poética acima das circunstâncias.

É possível que a herança mais preciosa a nós legada por essa geração tenha sido, efetivamente, o critério da *autenticidade*, algo que se incorporará, como uma constante, à problemática da poética contemporânea. Conjugado ao ecletismo da revista, o critério se abre como um testemunho elucidativo dos caminhos trilhados, dali por diante, pela modernidade no campo do espaço português. *A posteriori*, fortalece-se a hipótese de que houve ali uma antecipação de uma prática que depois se afirmaria – a prática, já não mais a problemática – de uma criação que rejeita a postura seletiva, discriminatória, de uma verdade que se define como posição contrária a outras verdades.

Meio século depois, verifica-se a atualidade da publicação. Foi no desejo de que o sonho permanecesse e para que colhêssemos os seus frutos, que – no Porto – ela renasce. *Árvore*, é o seu nome.

* Cinda Gonda é Professora de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

¹ Rosa, António Ramos. «Um espaço indispensável à poesia». *Jornal de Letras e Letras*, n.º 56, Porto, 2 de Outubro de 1991, p. 13.

² Rosa, António Ramos. «A necessidade da poesia». *Árvore*, Folhas de Poesia, 1.º fascículo, Lisboa, Outono de 1951.

MÁQUINA DE ESCREVER

Armando Freitas Filho

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003

Eduardo Guerreiro*

Máquina de Escrever é um *livro-máquina* cujas peças são feitas de outros livros (cada qual, uma máquina feita de poemas-peças), e não existe por si mesmo, não possui *ser-em-si*, somente *ser-para-os-outros*; ele é a soma de suas partes e nada além de suas partes, é uma máquina que só funciona pela existência independente de quase todas as peças. Indica que a própria obra não possui *ser-em-si*: ela é feita somente de suas próprias peças (poemas e livros). O *si* do *Máquina de Escrever* é o vazio que cinde o próprio autor, máquina subjetiva produtora (o escritor é uma máquina de escrever), e o vazio do livro da poesia reunida, preenchido por todos os outros livros publicados. *Máquina de Escrever* é um vazio preenchido por quase tudo, quase toda a obra, que é a obra já editada mais um livro que representa a nova produção.

O livro *Numeral/Nominal*, que abre o *Máquina de Escrever*, ocupa um lugar extremamente próximo, familiar e estranho em relação ao todo. É o único livro que não possui existência isolada da obra, é um apêndice da obra que abre suas portas, é o último livro no início do livro da poesia reunida, enfim, é um livro-apêndice dentro do livro-reunião.

Esse livro-apêndice é oposto a todos os outros livros por não possuir uma existência independente: ele depende da reunião destes para ser sua porta de entrada. É também o último livro produzido, mas o primeiro a ser lido no *Máquina de Escrever*. Essa confusão de tempo/espaço e per-

tença/destaque dentro da poesia reunida transforma a relação dos velhos leitores de Armando com a obra e provoca os novos no tratamento estético da relação entre obra, suporte e título. *Numeral/Nominal*, além de abrir o *Máquina de Escrever* com uma novidade dependente materialmente da obra anterior, reproduz em sua própria divisão interna a série de livros e poemas organizados seqüencialmente (*Numeral*) e os títulos dos livros (*Nominal*); reproduz a taxinomia imposta pela própria estrutura do livro, além de remeter claramente aos principais caracteres de uma máquina de escrever, *letras e números*.

Logo, o título e a estrutura de *Numeral/Nominal* desdobra semanticamente a idéia do título *Máquina de Escrever*, duplicando a obra reunida dentro de si mesmo, de dentro da própria obra, da forma mais dependente, quer dizer, íntima. Nesse caso, *Numeral/Nominal*, diferente de *Máquina de Escrever*, possui ser-em-si, mas mediado pelo seu ser-para-o-outro. *Numeral/Nominal* pode ser interpretado como uma maquete, uma duplicata miniaturizada da obra e também um corpo estranho à mesma por ser o primeiro livro (e talvez o único até a obra se completar) a ter um contexto de suporte especialmente diferente dos outros.

Ele faz parte da obra-máquina, é uma peça sua, mas a única peça estranhamente diferente não por ser diferente mas por ser o mesmo dentro do mesmo, o mesmo que se torna outro em si mesmo. O ser-para-si de *Numeral/Nominal* é regido pela sua função de ser-para-o-outro, onde seu ser-em-si encontra aí sua singularidade, que é uma essência vazia, que é *ser outro por e no meio do mesmo*. Ao fazer a questão da alteridade/identidade o título de suas obras, e de incorporar na obra mesma, na marca de sua titulação, as articulações des-

sa maquinaria exteriorizadas como temática – além de condicionar as temáticas de toda a obra nessa titulação maquínica –, Armando torna *Numeral/Nominal* uma máquina de rearticulação da maquinaria da obra.

O primeiro poema de *Numeral/Nominal* condensa toda essa análise nos seus quarto e quinto versos: «Pulo de dois pés juntos/ para dentro de você, de mim» (p. 35). Aqui a imaginação interpretativa é convidada a fazer a sua aposta definitiva. O próprio livro, *Numeral/Nominal*, é quem enuncia essa *fala teatral* para o *Máquina de Escrever*. O *Numeral/Nominal* mergulha, com todo seu corpo, no *Máquina de Escrever*. A hipótese contrária (o segundo mergulha do primeiro) também é possível, já que o *Máquina de Escrever* está miniaturizado, com todos os seus caracteres, no *Numeral/Nominal*. O salto mortal recíproco, de dois pés juntos, em um dentro do outro, sem tempo para olhar embaixo, medir e meditar sobre a decisão, é próprio das situações de risco. Armando apostou ou saltou alto em intitular toda sua poesia editada e relacionar este título ao seu livro inédito, e só nos resta concluir que ele conseguiu valorizar ainda mais esses quarenta anos de poesia publicada.

Esta pequena análise da especulação da obra sobre si mesma sugere a dimensão da imensidão de seus desdobramentos em todas as 600 páginas deste livro, e pensa o jogo da totalidade da obra com o mais privilegiado dos fragmentos poéticos: os títulos.

* Eduardo Guerreiro é Mestre e Doutorando em Teoria Literária pela Faculdade de Letras/UFRJ. Elaborou dissertação de mestrado sobre a poesia de Armando Freitas Filho.